



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS V  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ANNA BEATRIZ DOS SANTOS LOURENÇO**

**COMÉRCIO EXTERIOR ENTRE BRASIL E CHINA: UMA ANÁLISE  
DOS FLUXOS COMERCIAIS NA CONJUNTURA BILATERAL  
SINO-BRASILEIRA**

**João Pessoa - PB**

**2023**

**ANNA BEATRIZ DOS SANTOS LOURENÇO**

**Comércio Exterior entre Brasil e China: Uma análise dos fluxos comerciais  
na conjuntura bilateral sino-brasileira.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Curso de Relações  
Internacionais da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Bacharel em Relações Internacionais.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lucila Gabriela  
Maciel Carneiro Vilhena.

**João Pessoa - PB**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L892c Lourenço, Anna Beatriz dos Santos.  
Comércio exterior entre Brasil e China [manuscrito] : uma análise dos fluxos comerciais na conjuntura bilateral sino-brasileira / Anna Beatriz dos Santos Lourenço. - 2023.  
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Lucila Gabriella Maciel Carneiro Vilhena, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Comércio exterior. 2. Fluxos comerciais. 3. Relações sino-brasileiras. 4. Desenvolvimento. I. Título

21. ed. CDD 327.810 51

ANNA BEATRIZ DOS SANTOS LOURENÇO

**COMÉRCIO EXTERIOR ENTRE BRASIL E CHINA: UMA ANÁLISE DOS FLUXOS  
COMERCIAIS NA CONJUNTURA BILATERAL SINO-BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Curso de Relações  
Internacionais da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Comércio Exterior

Aprovado em: 28/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

*Lucila Vilhena*

---

Profa. Dra. Lucila Gabriella Maciel Carneiro Vilhena(Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Alexandre César Cunha Leite*

---

Alexandre César Cunha Leite  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Bernardo Salgado Rodrigues*

---

Prof. Dr. Bernardo Salgado Rodrigues  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho a todos aqueles que me deram suporte em continuar nessa jornada, principalmente, aos meus pais e a minha família pelo suporte. Agradeço, também, a todas as pessoas que me ajudaram a ingressar em uma universidade pública e que nunca me deixaram desistir.

*“O espírito egoísta do comércio não conhece países e não sente paixão ou princípio excepto o do lucro.”*

*Thomas Jefferson*

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AL: AMÉRICA LATINA

APC: ACORDOS PREFERENCIAIS DE COMÉRCIO

BNDES: BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

BRICS

CCI: CÂMARA DE COMÉRCIO INTERNACIONAL

CGV: CADEIAS GLOBAIS DE VALOR

IED: INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO

OMC: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO

PEB: POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

RPC: REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

PCC: PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

URSS: UNIÃO DA REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

## SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. Evolução da história chinesa: Panorama geral do século XX.....	10
2. Parceria Brasil-China: Dinâmicas e desafios.....	11
3. Relevância das Relações Sino-Brasileiras no cenário internacional.....	13
4. Brasil e China: uma parceria estratégica no Atlântico Sul.....	14
5. O papel da China no comércio exterior do Brasil.....	15
6. Principais produtos importados e exportados.....	17
7. Investimento Externo Direto (IED) chinês no Brasil.....	20
8. Investimentos bilaterais.....	23
9. Perspectivas futuras entre as relações sino-brasileiras.....	25
Considerações finais.....	26
10. Referências bibliográficas.....	28

# COMÉRCIO EXTERIOR ENTRE BRASIL E CHINA: UMA ANÁLISE DOS FLUXOS COMERCIAIS NA CONJUNTURA BILATERAL SINO-BRASILEIRA

ANNA BEATRIZ DOS SANTOS LOURENÇO

## RESUMO

O presente artigo visa analisar as relações bilaterais comerciais entre o Brasil e a China e os impactos da inserção chinesa na economia brasileira, na seara das relações bilaterais. Por isso, o trabalho será feito através da revisão de literaturas disponíveis sobre os fluxos comerciais, fluxos de investimentos, desenvolvimento devido às ações bilaterais, e a construção histórica diplomática para consolidar as ações entre o Brasil e a China. Ademais, será pormenorizada a questão das trocas comerciais essenciais (bens manufaturados, *commodities*), fornecendo, todavia, uma perspectiva da ascensão chinesa nos mercados mundiais para além do Oriente. Sendo assim, a análise irá expor uma ótica macroeconômica da relação sino-brasileira.

**Palavras-chave:** Comércio exterior, desenvolvimento, fluxos comerciais, relações sino-brasileiras.

## ABSTRACT

This present article aims to analyze the bilateral trade relations between Brazil and China and the impacts of China's integration into the Brazilian economy within the context of bilateral relations. Therefore, the study will be conducted through a review of available literature on trade flows, investment flows, development resulting from bilateral actions, and the historical diplomatic construction to consolidate actions between Brazil and China. Furthermore, the essential trade exchanges (manufactured goods, commodities) will be detailed, providing a perspective on China's rise in global markets beyond the East. Thus, the analysis will present a macroeconomic perspective of the Sino-Brazilian relationship.

**Keywords:** Foreign trade, development, trade flows, Sino-Brazilian relations

## Introdução

O comércio exterior sino-brasileiro, é, de fato, benéfico ao Brasil ou sufoca nosso mercado? Para analisarmos o histórico da conjuntura bilateral entre Brasil-China e, termos a percepção do que hoje vislumbramos sobre esta relação sino-brasileira, será analisada a maneira como a China se tornou uma economia importante para a dinâmica econômica internacional e o comportamento do Brasil perante essa nova conjuntura geopolítica. Outrossim, a discussão sobre o desenvolvimento da China é, de fato, complexa para os olhares ocidentais ou ocidentalizados e, muitas vezes, é analisada com as lentes ideológicas na perspectiva não-oriental.

O processo de desenvolvimento chinês e sua política estratégica para se inserir no Sistema Internacional, ao sair de um país semi-feudal no século XX, para uma potência emergente no século XXI, trouxe a atenção do Brasil para incluí-lo como parceiro comercial. Na historicidade da China semi-colonial, no período anterior a 1949, a agricultura era o ponto-chave da economia chinesa, representando 90% das produções, contra 10% da indústria (ZHENG, 2004.) Durante a década de 50, a República Popular da China atravessou um período de recuperação econômica até o lançamento do primeiro Plano Quinquenal para o Desenvolvimento Econômico e Social, baseado no modelo soviético, ocorrido entre 1953 e 1958. (SZERMAN, 2011. p. 9).

Sob liderança de Mao-Tsé-Tung durante a revolução, os comunistas tomaram o poder, estatizaram as empresas privadas e os latifúndios existentes no território chinês à época. Sendo assim, proporcionou a primeira mudança econômica da China.

Em um período posterior, na década de 50, a China aproximou-se da URSS estreitando seus laços políticos e econômicos que, posteriormente, foi colapsado com a queda na União Soviética e o desmembramento do sistema político socialista, abrindo margens para a ascensão do liberalismo no leste europeu.

Na questão geopolítica, durante os conflitos entre Estados Unidos e a União Soviética, a estrutura da economia chinesa modificou-se em consonância ao cenário geopolítico internacional, na qual proporcionou caminhos para a ascensão da economia chinesa ainda no final do século XX. Segundo o autor Carlos Aguiar de Medeiros (1999), no período entre a década de 80 e 90, na seara econômica dentro do território chinês, a economia do país conseguiu alcançar os impressionantes números de 9.5% a.a. Estes números, que se mostraram superiores aos de outros países da região, fez com que a China conseguisse atingir a taxa de 10,2% de crescimento econômico e por isso, mostram-se superiores a outras

economias no leste asiático no qual estes números (World Bank, 1996) conferem à China uma performance única na economia mundial. (MEDEIROS, 1999, pp. 499-500)

Diante deste contexto histórico e o desenvolvimento chinês no período recente, pode-se afirmar a importância da República Popular da China para o comércio internacional, e em especial para o Brasil, com a relevância da participação da China nos BRICS, no âmbito da cooperação sul-sul. Ademais, com as mudanças geopolíticas e que também levou a mudanças nos fluxos comerciais e investimentos, a China utilizou sua expertise no jogo político-econômico e tornou-se um *player* importante na competitiva busca por *commodities* dentre as nações industrializadas.

Na seara econômica, indubitavelmente, a República Popular da China (RPC) vem desafiando fortemente as teorias econômicas liberais. O modelo econômico complexo adotado pelo país asiático, focando na intervenção máxima do Estado, estudos e planejamento estratégico em longo prazo mantendo uma abordagem pragmática na tangente do livre comércio, desafia fortemente os princípios econômicos adotados e defendidos pelos países ocidentais. Entretanto, a fórmula chinesa para pôr em xeque a hegemonia dos Estados Unidos e Europa, impacta negativamente e positivamente no mercado interno brasileiro.

De modo mais amplo, a China e sua industrialização acelerada, utilizando-se de estratégias cambiais como por exemplo a desvalorização da moeda para obter um preço competitivo nos mercados internacionais, política fiscal (investimento de estatais chinesas) e políticas monetárias (concessão de crédito) demonstram que a China adapta-se muito bem as complexidades do sistema internacional, que, por sua vez, vai à contramão aos interesses dos países ocidentais. Ou seja, a China consegue praticar sua política econômica de maneira virtuosa e bem sucedida realizando essas operações nas suas estratégias econômicas. Essa abordagem chinesa vem se tornando uma peça fundamental para a consolidação da China como uma potência mundial, na qual desafia os paradigmas tradicionais e obriga outros países do sistema a se adaptarem a essas estratégias.

Outrossim, o objeto de estudo desta pesquisa versará acerca da relação sino-brasileira e se ela é, de fato, benéfica ao Brasil. E, ademais, como o Brasil deverá se comportar para que diminua o apetite chinês no mercado interno brasileiro. Discorrendo, todavia, nos aspectos das exportações do Brasil e na dependência com o maior parceiro comercial desde 2009.

Por conseguinte, o presente artigo consiste em analisar de forma qualitativa e descritiva, aplicando os dados coletados utilizando metodologias além dos recursos anteriormente citados, mas também uma pesquisa bibliográfica e explicativa, para ampliar o

referencial teórico de análise ao decorrer do trabalho. As buscas de materiais e referências teóricas foram realizadas, utilizando-se de artigos científicos e textos publicados em bibliotecas virtuais, revistas, como Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e revistas científicas de Relações Internacionais e demais artigos acadêmicos para a busca de literaturas compatíveis com o tema proposto.

Ademais, devemos expor que o presente trabalho foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica das literaturas disponíveis acerca do tema abordado, realizando o levantamento de dados, textos e meios de comunicação oficiais (Governo Federal do Brasil, por exemplo) para trazer mais credibilidade e fundamentação ao tema proposto. Por isso, a fundamentação teórica, que consideramos um dos pilares da pesquisa científica, tornou-se a base qualitativa para a revisão dos resultados obtidos. Analisando, portanto, as causas, consequências e possíveis soluções para a construção de um trabalho acadêmico mais crítico. O objetivo deste trabalho não é trazer para os leitores uma resposta inovadora e revolucionária, mas sim, propor um olhar mais analítico e amplo para os assuntos no que diz respeito às duas potências do sul global.

## **1. Evolução da história chinesa: Panorama geral do século XX**

Neste capítulo sobre a história da China, será abordado a evolução histórica do século XX até o início da contemporaneidade. Entretanto, vale ressaltar que, a China possui mais de quatro mil anos de história e marcos temporais importantes para que hoje possamos entender a China moderna. Então, expressar a tentativa de explicar a história chinesa delimitando marcos temporais ocidentais para compartimentar seu desenrolar histórico e cultural, seria totalmente artificial. (BUENO, 2009. p. 9). É importante elucidar o contexto histórico para que tenhamos uma compreensão mais abrangente das relações comerciais sino-brasileiras, contextualizando as transformações políticas, sociais, culturais que resultaram no relacionamento comercial bilateral entre os dois países atualmente.

Durante o século XX a República Popular da China (RPC) fundada em 1949, é bastante atrativa devido a grande mudança em sua estrutura econômica e política. Durante a década de 1920, o país era esmagadoramente rural. (SHENG, 2012. p. 13). A população, por sua vez, possuía pouco acesso ao transporte público, tecnologias ou informação. Posteriormente, com a invasão e dominação (ocidental) estrangeira no país, passaram a

controlar os portos e as ferrovias, resultando em uma quebra do setor rural que era a maioria no país, levando a um maior número de desempregados na China. (SHENG, 2012. p. 13-14).

A partir de 1949, após muitos conflitos internos no território chinês, os comunistas saíram vitoriosos da guerra com o líder Mao-Tsé-Tung, proclamando, portanto, a República Popular. Então, nesse momento, houve mais uma transformação na estrutura política colocando a China no cenário mundial.

Durante o período de 1949 e 1950 a situação da economia e as questões financeiras na China eram extremamente precárias após esse processo de ruptura política e a tomada do poder pelos comunistas. De acordo com Shu Sheng (2012), os meios de transporte de todo o território chinês precisavam de melhorias ou reparos e, devido a isso, o fluxo das mercadorias advindas do campo para a cidade foram paralisados. Para controlar a inflação galopante, o novo governo tomou o controle do sistema bancário e fechou a Bolsa de Valores de Xangai, o centro de especulações.” SHENG, Shu. 2012. p. 20-21).

A partir desse momento, a China começou a criar suas lojas estatais para que fosse monopolizada a compra e a venda dos produtos mais importantes para a subsistência do povo, tendo como consequência, uma queda na inflação a partir dos anos 50. E, por fim, a China contemporânea, após todo esse processo de revolução e reestruturação econômica do Estado pelo Partido Comunista Chinês (PCC), expõe um resultado satisfatório em termos econômicos. Entre 1980 e 2008, o Produto Interno Bruto (PIB) da China registrou um impressionante crescimento médio de 10% ao ano, com a aceleração dos processos de urbanização e industrialização (MANZI e VIOLA, 2020. p. 6).

Dessa forma, a evolução histórica da China nos expõe uma inserção gradativa e acelerada no comércio internacional, cujo desenvolvimento acelerado foi fruto do início da abertura econômica e sua reformulação, mediante mudanças adotadas por Deng Xiaoping, que modificou a estrutura econômica do país (SZERMAN, 2011. p. 6) criando, posteriormente, um ambiente propício para que as ações de políticas fiscais e econômicas juntamente a uma forte liderança do atual presidente Xi Jinping e o PCC, fossem continuadas dentro do território da RPC.

## **2. Parceria Brasil-China: Dinâmicas e desafios**

Este presente capítulo tem como objetivo explorar as complexas dinâmicas das relações entre Brasil e a RPC. Inicialmente, iremos revisar a hipótese que nos fornece um

ponto de partida para o estudo dessas relações entre os dois Estados supracitados. O argumento levantado pelo presente estudo, é de que a China, com seu crescimento urbano-industrial acelerado, e o Brasil, como uma potência econômica agrícola, tornaram-se complementares devido aos problemas que ambos enfrentam no cenário internacional: a China padece com a insuficiência alimentar para a sua população e o Brasil com uma necessidade de financiamento para o seu próprio desenvolvimento, buscando, portanto, apoio com os investimentos chineses na tangente das exportações agrícolas.

Devido a isso, esse cenário sugere uma parceria sino-brasileira, na qual o Brasil será o fornecedor de matéria prima para a China e, a China, em troca, financiará o desenvolvimento brasileiro. Entretanto, essa relação dual entre as duas economias poderá camuflar a possibilidade da China dominar o mercado doméstico brasileiro, seja por intermédio da fomentação de competidores internacionais ao Brasil, seja pelo financiamento de iniciativas de seu próprio interesse com a finalidade de limitar o crescimento econômico do Brasil. (VIEIRA, BUAINAIN, FIGUEIREDO. 2016, p. 53-54)

Portanto, o que será discutido ao decorrer deste trabalho é de que os interesses brasileiros e sua projeção internacional no cerne do comércio exterior e comércio internacional estariam limitados aos interesses chineses devido ao sufocamento da economia brasileira. Em adição a isso, a China, de certa forma, utiliza suas relações comerciais com o Brasil como uma saída para a mitigação da sua demanda interna por alimentos, pois o fator terra e recursos naturais, é escasso dentro do seu próprio território e não conseguirá suprir a demanda interna.

Dito isso, a economia brasileira é beneficiada com o aumento das exportações de commodities para a China, porém, essa estreita relação econômica deixa o Brasil à mercê das variações do mercado e economia chinesas. Em suma, o Brasil adota uma posição de passividade, como os dados apresentados pela literatura apontam acerca da financeirização, má condução de políticas logísticas, sanitárias e afins.

Em adição a isso, expõe que o setor agrícola brasileiro ainda deverá passar por um processo de modernização e busca por maior investimento externo direto para garantir uma boa cooperação nas relações bilaterais, como discorrido pelos autores da obra *O Brasil alimentará a China ou a China engolirá o Brasil?* que a temática da cooperação sino-brasileira, destina-se às diferenças históricas na seara da política externa entre os respectivos países. Por isso, enquanto historicamente a China negocia, o Brasil coopera; ou seja, se o Brasil aguardar passivamente a dinâmica do mercado, fatalmente será engolido pela China (VIEIRA, BUAINAIN, FIGUEIREDO, 2016, p. 78).

Então, pode-se dizer que, as relações sino-brasileiras possuem suas vantagens econômicas e também fortalecem a cooperação entre os países do sul global, e, em adição a isto, reduzem a nossa dependência em relação ao dólar e o contribuindo para o fortalecimento dos BRICS. No entanto, essas relações também possuem suas desvantagens devido ao posicionamento passivo da Política Externa Brasileira (PEB). Portanto, é importante que o Estado brasileiro adote políticas que sejam benéficas para ambos os países, visando a construção de uma parceria econômica mutuamente equilibrada.

### **3. Relevância das Relações Sino-Brasileiras no cenário internacional**

Como exposto anteriormente, a pesquisa dá-se pelo objetivo de analisar as ações internacionais no âmbito comercial bilateral sino-brasileiro. Por conseguinte, as contribuições que estarão presentes neste artigo, servirão como um aporte teórico para a temática que está vivendo seu *boom* dentro das relações internacionais: Estudos sobre a China e seu rápido crescimento e relevância no sistema internacional.

Ademais, a análise das relações bilaterais no contexto contemporâneo de crise (a primeira crise global após 2008), será de grande valia e necessidade, revisarmos literaturas anteriores a pandemia de SARs-COV-2 (ou, COVID-19) para que possamos entender o contexto político das relações entre as duas potências emergentes em suas respectivas regiões.

A maneira como a China se insere nas economias ao redor do mundo, é, de fato, um fenômeno desde a década de 1990. A condução das questões domésticas, serviram como uma alavanca para que a China fosse um dos principais *players* no cenário internacional. De acordo com Medeiros (1999) a hipótese que circula as reflexões sobre o fenômeno no crescimento econômico chinês e toda a sua mudança estrutural na sua economia a partir das reformas estabelecidas em 1978 que, todavia, resultou na ‘‘estratégia americana de isolamento e desgaste da ex-URSS, a ofensiva comercial americana com o Japão, e uma complexa estratégia do governo chinês visando a afirmação de soberania de Estado’’.(MEDEIROS, 1999, p. 499). Visava, portanto, uma dominação sobre o território e a população, por intermédio do desenvolvimento econômico e o processo de modernização da indústria.

A China, portanto, organizou-se internamente e conseguiu fazer com que as mudanças estruturais em seu sistema acompanhassem o desenvolvimento acelerado e seus projetos de

urbanização e industrialização com metodologias diferentes das ocidentais: sempre preocupados em resultados a longo prazo.

As escolhas de tais assuntos abordados foram feitas sob a análise de como as relações entre o Brasil e a China podem ser observadas sob o prisma das relações bilaterais e fluxos comerciais. Desse modo, é possível averiguar o desenvolvimento do comércio sino-brasileiro e como isso afeta o mercado interno no Brasil, levantando hipóteses de possíveis problemas de dependência econômica como aponta o hibridismo econômico. Outrossim, as variáveis a serem abordadas são: A importância da China para o comércio brasileiro, relações históricas, e fluxos comerciais bilaterais.

#### **4. Brasil e China: uma parceria estratégica no Atlântico Sul**

As relações e intencionalidades da China para com o Brasil, pode-se dizer que estão atreladas às estratégias chinesas para este século. No âmbito Sul-Sul, a China volta suas atenções ao Atlântico Sul, em especial ao Brasil. Onde nele, vislumbra a possibilidade de crescimento do Brasil como uma potência no cenário internacional, que, doravante, é benéfica a globalização da economia chinesa.

Desse modo, o fortalecimento das relações diplomáticas e cooperação sul-sul com as potências regionais como o Brasil e Argentina, por exemplo, faz parte da agenda da China para reforçar a retórica de que precisamos viver em um sistema internacional multipolar, fazendo oposição ao hegemonismo.

A configuração de uma parceria estratégica sino-brasileira, de maneira pragmática, coincide com os interesses de ambas as potências. Tais interesses, tanto na macropolítica como na macroeconomia não são objetos de grandes divergências entre os governos. Sendo assim, a China entrevê no Brasil a perspectiva de que o país sul-americano se torne uma potência de maior relevância em alguns anos. Como explicado no tópico 2, a maneira da China pensar e agir política e economicamente visando obter seus resultados em longo prazo. Por isso, a parceria estratégica do Brasil e da China será benéfica para ambos os países, promovendo a atuação conjunta em assuntos de interesse mútuo como é visto em fóruns internacionais, por exemplo.

A *posteriori*, é necessário que a política externa brasileira vislumbre, de modo pragmático, o mercado e a economia chineses. Por conseguinte, de acordo com o autor Wladimir Pomar, nessas condições, aqueles países que, nos próximos cinco a dez anos, não

estabelecerem sólidas relações com a China poderão perder a oportunidade de beneficiar-se do crescimento chinês (POMAR, 2004).

Por conseguinte, o autor também expõe as necessidades que o Brasil possui com o mercado chinês e o porque a parceria entre eles será benéfica para a macroeconomia de ambos os países. E, dessa maneira, podemos intercambiar as ações de política externa para alavancar as interações comerciais sino-brasileiras. Outrossim, o Brasil tem a necessidade urgente de aceder a mercados para alimentar as suas exportações, capitais de investimentos produtivos e os equipamentos produzidos pela indústria buscando custos mais baixos para que seja possível alavancar o crescimento industrial brasileiro e, também a cooperação científico-tecnológica. (POMAR, 2004).

Dessa forma, com o estímulo para a cooperação utilizando ciência e tecnologia, que, por sua vez, são elementos imprescindíveis para a China e que podem promover o intercâmbio dessas expertises em condições vantajosas face à outros países do sistema internacional, para que haja um maior desenvolvimento da indústria no Brasil estimuladas através da cooperação técnica bilateral.

## **5. O papel da China no comércio exterior do Brasil**

O desempenho da China no mercado brasileiro, portanto, se acentuou com a crise financeira (2008) que abalou fortemente a economia norte-americana, que, até então, era o principal parceiro comercial do Brasil. Por isso, a crise de 2008 foi um grande contribuinte para que a China tomasse o espaço nas exportações brasileiras, onde obteve o título de maior parceiro comercial do Brasil em 2009.

Ademais, essa mudança no cerne das relações exteriores brasileiras, acompanha a ciclicidade do capitalismo e também, as mudanças dos pólos capitalistas durante os séculos. Durante o século XIX e o início do século XX, o principal parceiro comercial do Brasil era o Reino Unido, posteriormente, os Estados Unidos e Alemanha durante o século XX e, por fim, com o *hegemon* norte-americano sendo ofuscado pela crise, abriu espaço para que a China se introduzisse nas Américas utilizando sua expertise na tangente do comércio exterior.

Desse modo, pode-se dizer que as relações comerciais acompanham as tendências internacionais dos mercados fazendo com que haja mudanças nas políticas exteriores influenciado, diretamente, pelas tendências internacionais em razão da crise financeira. Os EUA, por conseguinte, tornaram-se o segundo maior parceiro brasileiro, com 35,9 bilhões de dólares de fluxo comercial em 2009, bem abaixo dos 53,4 bilhões de 2008, em parte devido

ao recuo de 42,4% nas exportações para o mercado norte-americano. (PAUTASSO, 2010, p. 25)

Em adição a isso, o papel da China (não apenas em questões comerciais) muda a geoeconomia do Brasil e, torna-se uma prioridade para o governo brasileiro durante os mandatos do presidente Luís Inácio Lula da Silva, atuante juntamente com seu Ex-Ministro de Relações Exteriores, Celso Amorim, no qual priorizou em sua administração a aproximação com os países do sul global, fomentando, portanto, a cooperação sul-sul. A ascensão da China como potência nos mercados da Ásia Oriental trouxe a reflexão da multipolarização sistêmica (PAUTASSO, 2010).

O cenário das exportações brasileiras para a China, baseia-se em exportações de produtos primários (*commodities*) que é a base histórica da nossa economia agroexportadora. No cenário de pós-guerra fria, a China optou pelo fechamento ao mercado externo e prioridade ao mercado interno, vivenciando o seu momento protecionista, que, nesse aspecto, dificultou para o comércio brasileiro. Devido a isso, favoreceu mais a importação do que a exportação. Assim, houve uma quase-estagnação do comércio exterior do Brasil, que passou de 96,4 para apenas 107,6 bilhões de dólares entre 1995 e 2002, sendo que o déficit acumulado foi de cerca de 24,5 bilhões no período da paridade cambial (1995-2000). (PAUTASSO, 2010).

Outrossim, as relações comerciais sino-brasileiras agem de maneira competitiva, mas também, se complementam em muitos mercados relevantes. Uma vez que a China possui um déficit na fomentação de produtos agrícolas e suas dificuldades na produção de matéria-prima para exportação. Já no caso brasileiro, possuímos uma vasta biodiversidade, historicamente um país agroexportador e possui menos dificuldades no cerne da escassez de recursos naturais. Então, doravante, ao mesmo tempo que acontece a cooperação para alavancar o comércio exterior e melhorar o fluxo de importações e exportações, também pode haver competitividade entre Brasil e China nos mercados internacionais. No texto “*O Brasil alimentará a China ou a China Engolirá o Brasil?*” os autores discorrem acerca do cenário de complementaridade que sugere uma aliança sino-brasileira, que, todavia, o Brasil assumiria o papel de alimentar com seus produtos agrícolas o grande mercado interno chinês, proporcionando também outras matérias primas para a produção dos bens manufaturados e de alto valor agregado.

E, a China seria o credor do Brasil, financiando obras de maneira virtuosa para o desenvolvimento do Brasil. Entretanto, a premissa dessa virtude oculte a possibilidade das ações da política externa chinesa voltada para o comércio e economia, escondem, portanto, a

potencialidade da China “engolir” o Brasil. A China, portanto, poderá fomentar o crescimento dos competidores internacionais ou financiar apenas as iniciativas que sejam aderentes aos seus interesses para poder restringir o desenvolvimento econômico do Brasil. (VIEIRA; BUAINAIN; FIGUEIREDO, 2016, p. 52-53).

## **6. Principais produtos importados e exportados**

Outrossim, após a China ter tomado para si o título de maior exportadora no ano de 2009 e, também o maior parceiro comercial do Brasil como dito anteriormente, o dragão vermelho que se tornou um fenômeno na economia e na política, conseguiu manter uma economia crescendo a um ritmo acelerado, ao contrário da maioria dos outros países, que sofreram de maneira importante os impactos da crise do *subprime*. (HIRATUKA; SARTI. p. 84. 2011)

Com isso, também podemos notar que, juntamente com o crescimento exponencial da China, cresce, todavia, o aumento de suas demandas por commodities devido a escassez de recursos naturais em seu território. Nesse contexto, a China encontrou no Brasil uma forma de suprir suas necessidades domésticas com a importação de commodities que ocasionou o crescimento de produtos manufaturados consolidando, portanto, a China como grande produtora de produtos manufaturados tem causado preocupações quanto à concorrência com os produtos produzidos localmente. (HIRATUKA; SARTI. p. 84. 2011). Logo, o objetivo deste tópico é apresentar os fluxos bilaterais sino-brasileiros nos últimos anos.

Durante o período de bonança e cenário internacional favorável no período de 2003 a 2008 antes da crise financeira, o crescimento das exportações brasileiras saíram de 5,6% entre 1990 e 2002 e foi para mais de 22% de 2003 a 2008. O gráfico 1, expõe o saldo da balança comercial do Brasil e o gráfico 2, mostrará o resultado das importações e exportações brasileiras no período de 1990 a 2011.

Dessa maneira, o impacto da ascensão acelerada da China dentro das economias latino-americanas expondo a mudança do novo ciclo dos rumos do comércio. Ou seja, o pólo de dominância sai do território norte-americano e é repassado para a RPC, fazendo com que os modelos das economias latinas continuassem com suas características agroexportadoras para complementar as carências da produtividade chinesa dentro de seu vasto território.

A ofensiva comercial da China é bastante notória em países do sul global. A promoção de acordos comerciais dentro da região, é uma tendência da política externa chinesa com a finalidade de estreitar as relações diplomáticas e, por conseguinte, estreitar as relações comerciais. O Brasil, com uma economia mais diversificada que os demais países da América do Sul e com suas reservas extraordinárias de terras e minérios, ocupa uma posição dominante entre os parceiros comerciais da China na AL (Medeiros; Cintra. p. 35. 2015). Na tabela 1 abaixo, mostrará a evolução dos termos de troca e o saldo comercial com a América Latina.

Tabela 1.

## Evolução dos Termos de Troca, Exportações e Saldo Comercial na América Latina

	Poder de Compra das Exportações em 2012 (2000=100) *	Termos de Troca em 2012** (2000=100)	Evolução das Exportações Totais entre 2000 e 2010 (% médio anual do país ou grupo de países)	Saldo Comercial com o MERCOSUL e Associados*** (entre 2002 e 2009)
Argentina	249	161	11.8	Superávit
Brasil	244	129	15.5	Superávit
Economias Agrícolas (Paraguai, Uruguai, Colômbia)	381	122	17.2	Superávit (Colômbia) Déficit (Paraguai, Uruguai)
Economias Mineiras (Bolívia, Chile, Peru)	384	175	19.7	Deficit
Economias Petroleiras (Equador, Venezuela)	253	198	14.3	Deficit

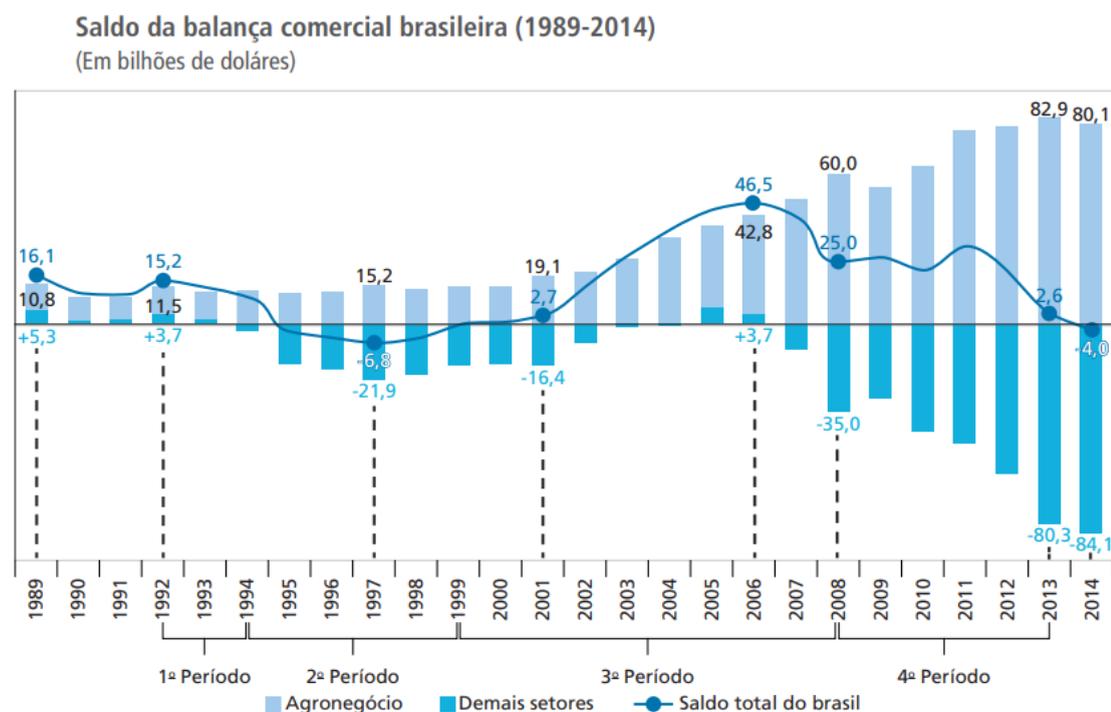
\*Calculado como o índice do valor das exportações deflacionado pelo índice de valor unitário das importações; \*\* calculado como a razão entre o índice de valor unitário das exportações e o das importações; \*\*\* Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Uruguai, Bolívia, Paraguai, Venezuela, Argentina e Peru  
Fonte: COMTRADE, UNCTAD, Handbook of Statistics, 2013; MRE, DIC, 2010.

Elaboração dos autores Carlos Aguiar de Medeiros e Maria Rita Vital Paganini Cintra. Revista de Economia Política, vol. 35, nº 1 (138), pp. 28-42, janeiro-março/2015

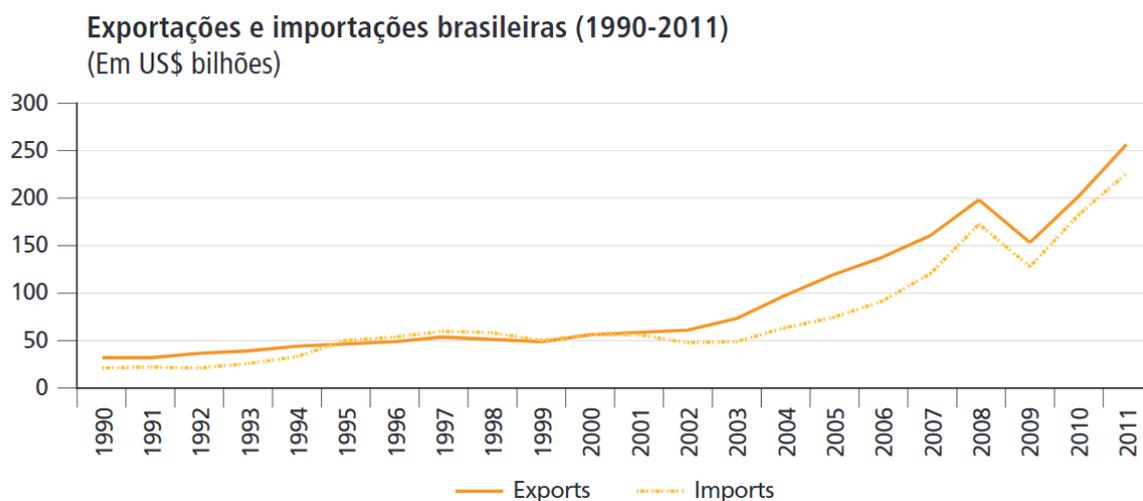
Com base nas informações extraídas do gráfico 1 abaixo, nota-se que o saldo da balança comercial brasileira passou por momentos de déficit e superávit dos anos 1989 até 2014. O período deficitário na década de 90, o Brasil enfrentou muitas instabilidades internas

incluindo crises financeiras, que expõe numericamente as oscilações até meados de 2001. Após isso, os anos 2000 apresentaram um cenário com tendências superavitárias no Brasil e um contexto internacional também favorável às exportações das commodities brasileiras. E, em 2008 durante a crise financeira internacional, que impactou todas as economias globais, o Brasil enfrentou à época uma redução nas suas exportações e um aumento das importações. Portanto, deixando a balança comercial deficitária momentaneamente. E, a posteriori, a economia brasileira volta a se normalizar e alcançar um equilíbrio para fugir dos indicadores deficitários em sua balança comercial.

Gráfico 1.



Fonte: Elaboração do autor Rebeca Lima Albuquerque Maranhão e José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho. Companhia Nacional de Abastecimento – Conab (2016)

**Gráfico 2.**

Fonte: Elaboração dos autores Célio Hiratuka e Fernando Sarti.  
Secex/MDIC.

Com base nos gráficos acima, pode-se perceber que o aumento gradativo dos fluxos comerciais do Brasil, sofreram positivamente com o impacto do boom das commodities nos anos citados anteriormente. Desse modo, nota-se que há relação com o crescimento chinês também. Por outro lado, no contexto das importações, o cenário de valorização cambial e o mercado interno sendo aquecido proporcionou um cenário favorável para as importações de produtos manufaturados, nos quais, a China é produtora em larga escala, trazendo como resultado um aprofundamento das relações comerciais bilaterais sino-brasileiras. Mas, a vinda desses produtos fabricados na China traz uma certa preocupação para os produtores brasileiros devido ao preço competitivo dos produtos manufaturados originários de outros países, como explica as Cadeias Globais de Valor (CGV).

## 7. Investimento Externo Direto (IED) chinês no Brasil.

O Comércio Internacional, por sua vez, está intrínseco à história da humanidade. Desde os primórdios da civilização humana o comércio e a troca acontecem de maneira natural e cada vez mais intensas entre tribos, clãs e assim por diante. Doravante, a prática do comércio como conhecemos hoje pode ser definida como a troca de bens e serviços entre países, onde posteriormente, essas trocas ficam mais institucionalizadas sendo geridas por normas e regras advindas e celebradas através dos acordos comerciais bilaterais ou multilaterais.

E, por conseguinte, resultando na criação de organizações internacionais como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e a Câmara de Comércio Internacional (CCI), para gerir o intercâmbio e as trocas comerciais entre os países signatários etc.

Outrossim, a China e o Brasil iniciaram suas aproximações diplomáticas nas tangentes bilateral e multilateral em meados de 1974. Por conseguinte, o Brasil na década de 2000 deu continuidade a política de aproximação com a China, por intermédio da cooperação sul-sul estimulada pelo governo Lula.

Sendo assim, a competitividade do comércio da China se dá pelo baixo custo de mão de obra e a larga escala de produção que desse modo, atrai o investidor devido ao baixo custo de produção das mercadorias. E, em adição a isso, a desvalorização cambial da moeda chinesa (*Yuan chines* - 元, ou *Renminbi* - ¥), estratégia adotada pelo governo da República Popular da China com a finalidade de produzir altas taxas de poupança e fomentar o comércio exterior em larga escala, sendo assim, funciona como subsídio para as exportações.

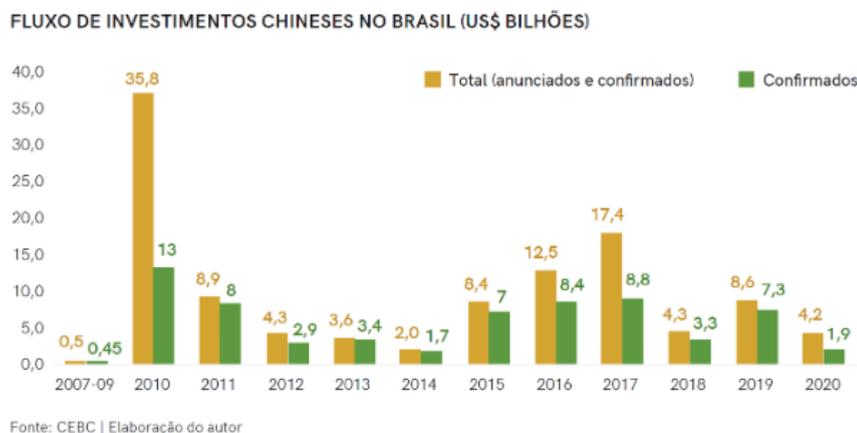
O gráfico 3 abaixo expõe os dados referente aos anos de 2007 a 2020 sobre os investimentos chineses no Brasil. Por isso, como exposto no gráfico 3, podemos vislumbrar as variações dos investimentos chineses no Brasil com o passar dos anos. No ano de 2010, o boom dos investimentos na economia brasileira, de acordo com a *China Global Investment Tracker* em 2010 houve um fluxo de investimentos no setor de energia e minérios, totalizando quase 14 milhões de dólares. Dessa maneira, nota-se que a China está em busca de expandir seu acesso a recursos naturais, em um país abundante como o Brasil, aumentando, assim, a procura pelo mercado exportador brasileiro.

Nesse contexto internacional, as empresas da República Popular da China buscam maior inserção no mercado internacional dentro dos países emergentes. Que, devido a isso, torna a China ainda mais singular no cenário da estruturação econômica. De acordo com Bustelo, Cariello & Fragoso (2016) os investimentos realizados entre os anos de 2007 e 2009, embora tímidos, ganharam um maior dinamismo a partir de 2010. Nesse mesmo período, houve a “descoberta” do Brasil pelo empresariado chinês, observando o mercado interno brasileiro como um potencial destino para os investimentos. E, a partir desse momento, os produtos constituintes na pauta da exportação do Brasil para a China, passaram a ser um alvo positivo desses investimentos externos no ano de 2010.

Outrossim, o padrão chinês de internacionalização das suas empresas torna a globalização do comércio e dos fluxos comerciais ainda mais assimétricos nas relações internacionais entre os países do sistema internacional. Por isso, aumenta o dinamismo e a

inserção da China nos mercados competitivos através das empresas privadas e não somente por intermédio do Estado.

**Gráfico 3.**



**Fonte:** Investimento chinês no Brasil, entre 2007 e 2022 (Cariello, 2022).

Mediante o exposto anteriormente, o gráfico 3 quantifica os setores de investimentos que a China fez no Brasil entre os anos de 2007-2022. Por conseguinte, percebe-se que os investimentos chineses, em sua maioria, concentraram-se no ramo de eletricidade e gás, seguidos de extração de petróleo e gás natural. Como dito anteriormente, a busca por recursos naturais (*commodities*) é frequente pelo mercado chinês, seja pelo comércio exterior, seja pelo comércio internacional.

Sendo assim, o ramo empresarial chinês no Brasil atua dentro dessa perspectiva. A internacionalização das empresas está ligada à exploração dos recursos naturais pela indústria da China, não só no Brasil mas em outros lugares do mundo. Doravante, reflete na competitividade das empresas chinesas para expansão de outros mercados, como expostos no gráfico. Tais como: Indústria manufatureira e agronegócio, por exemplo. O rearranjo dos investimentos chineses voltados para a exploração dos recursos naturais para beneficiamento da indústria chinesa, com destaque para o setor automotivo e o ingresso de montadoras chinesas (Chery), de máquinas e equipamentos (Sany), além de alguns setores de tecnologia mais avançada principalmente com a expansão das atividades de empresas dos setores de eletrônicos e comunicação. (Bustelo, Cariello & Fragoso. 2016. p. 13).

No intuito de apoiar o comércio e os investimentos bilaterais, assim como de dar respaldo à estratégia de internacionalização do *yuan*, bancos chineses se estabeleceram no

Brasil ou adquiriram participação acionária em bancos brasileiros. (Bustelo, Cariello & Fragoso. 2016.) Destarte, a dinamização da estratégia político-econômica da China no contexto bilateral sino-brasileiro, mostra que a relação é, em longo prazo, benéfica para ambos os países. Mas, o governo brasileiro também perderá espaço dentro do seu mercado interno paralelamente. Fazendo com que, essa relação com o dragão chinês, amplifique a dependência dos recursos injetados dentro da economia brasileira.

#### Gráfico 4.

**DIVISÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL, 2007 - 2020  
(VALOR DOS PROJETOS CONFIRMADOS)**



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

**Fonte:** Investimento chinês no Brasil, por setor, entre 2007 e 2022 (Cariello 2022).

Dessa forma, a parceria estratégica sino-brasileira está, todavia, incorporada ao contexto internacional e desejam mutuamente atingir novos padrões de crescimento econômico e visibilidade internacional. E, o estreitamento dessas relações resultam no mercado interno do Brasil como expressado nos dados do gráfico 4, expondo as intenções estratégicas dos investimentos externos diretos dentro de cada setor que, posteriormente, favorecerá a China e o seu mercado interno.

## 8. Investimentos bilaterais

Como discorrido ao longo dos capítulos anteriores, do lado da China as necessidades para com o Brasil, baseiam-se em três pilares: I) A necessidade de explorar recursos energéticos e toda a matéria prima que é escassa em seu território para continuar o seu projeto expansionista em longo prazo. II) Aumentar o lucro dos seus produtos com alto valor agregado dentro do mercado doméstico brasileiro ou a concessão de empréstimos ao Estado

brasileiro. III) Estreitar os laços comerciais com o Brasil para manter sua presença de forma marcante na América do Sul, tendo o Brasil - país considerado uma potência regional no Sul Global - como um de seus principais aliados comerciais. (BECARD, 2011. p. 40).

Dessarte, fica evidente quando analisamos profundamente a temática comercial, observando, também, suas entrelinhas de interesse geopolítico, evidenciando um aspecto de dependência econômica por parte do Brasil frente ao seu parceiro comercial. Em adição a isso, fez igualmente parte dos interesses da China aumentar seus investimentos diretos, com vistas a garantir segurança energética, sustentabilidade de recursos e expansão de mercados externos. (BECARD, 2011. p. 40).

Ademais, com o passar dos anos e com uma maior aproximação diplomática com a finalidade de promover o comércio exterior e o comércio internacional, os investimentos chineses crescem cada vez mais desde o início da década de 2000, que quantifica cerca de 56% dos investimentos chineses no terceiro setor (comércio).

Os investimentos chineses aportaram ainda no Brasil por vias indiretas, sobretudo por meio de empresas chinesas presentes em Hong Kong, Macau ou paraísos fiscais. (BECARD, 2011). Além disso, também houve investimentos estrangeiros por intermédio público, como as obras financiadas através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), promovendo construções de investimentos bilaterais, por exemplo a cooperação entre a empresa brasileira Vale do Rio Doce e a empresa chinesa Baosteel para construir uma siderúrgica no estado do Espírito Santo.

Com isso, o processo de expansão econômica promovido pela RPC se intensificou devido ao grande contingente populacional e a demanda por commodities, promovendo um aumento nas exportações do Brasil. O IED, por sua vez, juntamente com a internacionalização chinesa, é baseado na busca por vantagens competitivas nos outros mercados e forte crescimento na competitividade de seus produtos. Por isso, o IED transcende aspectos predominantemente operacionais ou gerenciais de organizações produtivas, comportando aspectos determinantes de sócio-cultura, geopolítica e governança corporativa (WANG; FARIA; CARVALHO, 2013. p. 2). Outrossim, vale ressaltar que a grande maioria das empresas transnacionais chinesas são estatais e, por isso, os interesses políticos nesses investimentos também são bastante importantes para o tabuleiro geopolítico internacional, principalmente na seara dos investimentos realizados pela China.

## 9. Perspectivas futuras entre as relações sino-brasileiras

Com as mudanças sistêmicas nas relações internacionais e um novo jogo no tabuleiro geopolítico, a expansão chinesa (não apenas da China, mas também, uma crescente movimentação dos países do sul global) vem se estabelecendo na América Latina cada vez mais. Por isso, a construção de uma relação econômica com os parceiros latinos, é de grande importância para o equilíbrio de poder em face das potências ocidentais. Com a América Latina, a China primou pelo estabelecimento de políticas governamentais e não governamentais em diferentes âmbitos de caráter crescentemente pragmático (BECARD, 2011. p. 35)

Outrossim, a continuação das relações comerciais sino-brasileiras, será reforçada com a interdependência complexa entre os países, a globalização e a narrativa chinesa fortificando o multilateralismo que continuarão presentes nos discursos diplomáticos da RPC. O progresso das relações entre as duas potências regionais, com o investimento massivo em industrialização (na China) e a busca de mercados na América Latina continuarão fazendo parte da política externa chinesa.

Dessa forma, a política externa no momento atual do Brasil inclina-se para uma nova onda de integração regional, articulada pelo atual presidente Lula, fomentando a regionalização principalmente através dos BRICS. Então, pode-se dizer que a descontinuidade da política externa feita pelo ex-presidente Jair M. Bolsonaro, e remodelada por Lula trouxe para o Brasil uma nova forma de inserção internacional, diversificação de parcerias internacionais e a atração de investimentos.

Ademais, a cooperação Sul-Sul tem se mostrado um caminho virtuoso para as relações sino-brasileiras e, excepcionalmente para o Brasil foi uma maneira de resgatar o seu prestígio internacional sob à luz dos temas que realmente importam para os países periféricos. E, juntamente com a China e os BRICS, a perspectiva dessas relações sino-brasileiras no momento atual de convergência política entre os governos será, de fato, próspero para as duas nações.

Em suma, as perspectivas das relações bilaterais no terceiro mandato do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva são de forte expansão em relação à China. Que, para o Brasil, será de grande importância para as agendas de economia e sustentabilidade, contribuindo para a reinserção internacional brasileira. Ademais, o governo brasileiro deverá estabelecer uma análise a partir dessas relações bilaterais, a fim de estabelecer acordos benéficos para ambas as economias. Por isso, a expansão dessas relações comerciais na

atualidade, certamente trazem consigo oportunidades significativas para ambas as nações. Todavia, é imprescindível que reconheçamos a dualidade inerente a essa relação comercial. Deveremos, portanto, analisar o desafio de equilibrar esse relacionamento comercial, a fim de proteger os interesses nacionais do Brasil e, mitigar a dependência econômica da China, bem como também garantir que haja benefícios econômicos que sejam traduzidos em desenvolvimento para o Brasil, minimizando os impactos negativos dessa atual dependência.

### **Considerações finais**

Mediante o exposto ao decorrer dos tópicos abordados, a análise das relações entre Brasil e China, na tangente dos fluxos comerciais, comércio exterior e comércio internacional, é possível notar que há uma óptica positiva entre essas relações comerciais com essa parceria sino-brasileira ao que tange às interações em âmbito Sul-Sul. Ademais, o objetivo deste trabalho foi de identificar e quantificar os dados, para que seja possível observar as benesses e os desafios enfrentados com o surgimento dessa parceria.

De maneira geral, os resultados aqui apresentados têm respaldo das literaturas disponíveis como fontes de pesquisa de trabalhos científicos realizados por outros pesquisadores. Além disso, foi detectado que a relação entre Brasil-China não é puramente benéfica. A China, por sua vez, prospecta internacionalmente seus interesses no mercado brasileiro e, gerando, portanto, uma dependência dos investimentos chineses e impede que a indústria do Brasil cresça de modo independente, utilizando-se dos seus próprios recursos, pois, isso poderia resultar em controvérsias que afetariam os interesses chineses, dificultando a promoção e expansão da comercialização dos produtos chineses vendidos no Brasil.

Em adição a isso, também pode-se dizer que, obviamente, há uma distância cultural entre o Brasil e a China e, isso reflete na maneira como os Estados e as empresas privadas agem internacionalmente, impactando diretamente nas políticas comerciais internacionais sino-brasileiras, na qual pode dificultar a consolidação de empresas privadas da China no Brasil. A maneira chinesa é caracterizada pelo coletivismo, com limites tênues entre a vida privada e o trabalho, além do fato de o ambiente profissional ser marcado por fortes relações de hierarquia, exatamente o oposto da forma com que os brasileiros fazem negócios. (Wang, Faria, Carvalho. 2013.)

Ademais, conclui-se que, a China possui um papel importante na economia brasileira e vice-versa. A interdependência dessas relações construídas desde meados de 1974, perduram e ficam cada vez mais dinâmicas e profundas. O jogo geopolítico da China é, de

fato, complexo. Entender seu dinamismo e sua maneira de fazer política, buscar a compreensão do seu sistema político e econômico é de fundamental importância para que se possa analisar de modo mais assertivo as ações dessa potência regional. Em adição a isso, o presente trabalho apresenta uma limitação de dados sobre os tópicos abordados, de fontes oficiais chinesas, que, todavia, constitui em uma insuficiência metodológica acerca das questões analisadas durante o artigo.

Por fim, o presente trabalho apresentou uma visão geral macroeconômica da relação sino-brasileira fazendo a captação dos componentes econômicos e das motivações para o Investimento Externo Direto e quais são as ambições geopolíticas da China para com o Brasil no Atlântico Sul. Em suma, o comportamento do Brasil deverá ser estratégico e equilibrado, considerando os interesses e desafios que estão envolvidos nesta relação comercial.

Esse passo estratégico, poderá analisar, por exemplo, pontos como a busca de diversificação de parceiros comerciais para reduzir a dependência, negociações equilibradas para que haja benefícios mútuos entre as partes, fomento à inovação as indústrias brasileiras para competir de forma mais eficaz e aumentar a competitividade dos produtos brasileiros no mercados internacionais, diversificação de produtos exportados para que o Brasil não fique à mercê apenas das exportações de commodities, investimentos em infraestrutura para que haja a atração de investimentos de outros países (Portos, aeroportos e ferrovias) para um transporte rápido e eficiente, a cooperação junto aos BRICS para a negociação e manutenção de parcerias estratégicas com os membros, proteção de interesses internos garantindo que a economia esteja protegida das práticas desleais de comércio (dumping ou subsídios excessivos) e monitoramento de políticas chinesas por meio do Estado brasileiro (acompanhar de perto as políticas econômicas e as estratégicas que serão adotadas pelo governo chinês para que o Brasil possa se adaptar as políticas comerciais do seu principal parceiro.

Por fim, o posicionamento do Brasil de adotar sua política de modo estratégico e equilibrado em relação à China, visando maximizar seus ganhos econômicos ao mesmo tempo que protege seus interesses promovendo um desenvolvimento mais sustentável. Adaptando, todavia, as mudanças do cenário econômico internacional e as demais dinâmicas da economia que estão em constante evolução.

## 10. Referências bibliográficas

MEDEIROS, CARLOS AGUIAR DE. Economia e política do desenvolvimento recente na China. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 19, p. 496-516, 2022.

PALMA DE SEIXAS, Eduardo. **Monografia de final de curso, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**. p. 05-42. 2006.

ZHENG, Lu. O caminho do desenvolvimento econômico chinês. **BELLUCCI, B.(Comp.). Abrindo os olhos para a China. Rio de Janeiro: Educam**, p. 75-99, 2004.

OLIVEIRA, Danielle Meirelles; DE CAMPOS PINTO, Cristiane Elias. Comércio internacional entre Brasil e China: parceria ou concorrência? **Revista "Processando o Saber"**, v. 9, p. 08-26, 2017.

KALOUT, Hussein; DA COSTA, Hugo Bras Martins. A rivalidade China-EUA e os interesses estratégicos do Brasil. **CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs**, n. 2, p. 70-89, 2022.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 47, p. 7-30, 2004.

MORTATTI, Caio Marcos; MIRANDA, Sílvia Helena Galvão de; BACCHI, Mirian Rumenos Piedade. Determinantes do comércio Brasil-China de commodities e produtos industriais: uma aplicação VECM. **Economia Aplicada**, v. 15, p. 311-335, 2011.

COSTA, Guilherme Octávio Morais. **A evolução do comércio entre Brasil e China: uma análise das relações comerciais bilaterais sino-brasileiras**. 2015.

THORSTENSEN, Vera Helena. **A China como membro da OMC e líder das exportações mundiais: desafios e oportunidade para o Brasil**. 2010.

PAUTASSO, Diego. O lugar da China no comércio exterior brasileiro. **Meridiano**, v. 47, p. 25-27, 2010.

VADELL, Javier. A China na América do Sul e as implicações geopolíticas do consenso do pacífico. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, p. 57-79, 2011.

SILVA, Pedro Henrique Wessel. **Fluxo Comercial entre Brasil e China no Período de 1990 a 2016**. 2017.

LIBÂNIO, Gilberto et al. O comércio Brasil-China em uma perspectiva regional: análise e implicações para o desenvolvimento. **XL ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA–ANPEC, Anais... Porto de Galinhas: Anpec**, 2012.

MACHADO, João Bosco Mesquita; FERRAZ, Galeno Tinoco. **Comércio externo da China: efeitos sobre as exportações brasileiras**. 2006.

**Brasil foi principal destino de investimento chinês em 2010, diz entidade**. G1.globo.com, 11/04/2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/brasil-foi-principal-destino-de-investimento-chines-em-2010-diz-entidade.html>. Acesso em: 06/12/2022

WANG, Yanyi; DE FARIA, Marina Dias; CARVALHO, José Luis Felício. Investimento externo direto chinês no Brasil: motivações, desafios e perspectivas. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais (Internext)**, v. 8, n. 2, p. 1-21, 2013.

**Conselho empresarial Brasil-China (CEBC): Investimentos chineses no Brasil (2014-2015)**. Novembro, 2016. p. 07-30.

PADILHA, M. F. F. G.; LIMA, J. P. R. **CHINA: ANÁLISE DA INSERÇÃO COMPETITIVA DE UM MODELO SOCIALISTA ASSOCIADO A MECANISMOS DE MERCADO**. *Análise Econômica*, [S. l.], v. 25, n. 47, 2009. DOI: 10.22456/2176-5456.10876. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/AnaliseEconomica/article/view/10876>. Acesso em: 6 dez. 2022. Acesso em: 06/12/2022.

VIEIRA, Pedro Abel; BUAINAIN, Antônio Marcio; FIGUEIREDO, Eliana Valeria Covolan. O Brasil alimentará a China ou a China engolirá o Brasil?. **Revista Tempo do Mundo**, v. 2, n. 1, p. 51-81, 2016.

VILELA, Livia Goulart. **Relações comerciais entre Brasil e China: uma análise de bem-estar a partir de um modelo de equilíbrio geral computável**. 2012. Tese de Doutorado.

SAWAYA, Rubens R. China:: uma estratégia de inserção no capitalismo mundial. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 1, n. 28, 2011.

BRASIL-CHINA, Conselho Empresarial. Investimentos chineses no Brasil 2014-2015. **Rio de Janeiro**, 2016.

HIRATUKA, Célio; SARTI, Fernando. Relações econômicas entre Brasil e China: análise dos fluxos de comércio e investimento direto estrangeiro. **Revista Tempo do Mundo**, v. 2, n. 1, p. 83-98, 2016.

OLIVEIRA, Danielle Meirelles; DE CAMPOS PINTO, Cristiane Elias. Comércio internacional entre Brasil e China: parceria ou concorrência? **Revista Processando o Saber**, v. 9, p. 08-26, 2017.

NUNES, Ticiania Gabrielle Amaral. **Relações entre China e América do Sul: impactos para a inserção regional do Brasil**. 2016.

VILLELA, Eduardo VM. As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês. **Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico dos cursos de graduação em pós em Relações Internacionais da PUC/SP (GEAP-PUC/SP)–Pesquisa Iniciação Científica**, 2004.

DE SEIXAS, Palma Eduardo. **Comércio bilateral entre Brasil-China. Monografia de final de curso**. PUC-RJ. 2006.

LOPEZ, José Manoel Cortiñas. **Comércio exterior competitivo**. Edições Aduaneiras, 2007.

VILELA, L. G. **Relações comerciais entre Brasil e China: uma análise de bem-estar com base em modelo de equilíbrio geral computável**. 2012. 82 f. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Economia)—Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.

RODRIGUES, Bernardo. A Geoeconomia Híbrida da China na América do Sul: o uso de instrumentos econômicos duais para fins geopolíticos. **Carta Internacional**, v. 16, n. 1, p. e1085-e1085, 2021.

BECARD, Danielly Silva Ramos. O que esperar das relações Brasil-China?. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, p. 31-44, 2011.

COUTO, Sérgio Pereira. **A extraordinária história da China**. Universo dos Livros Editora, 2008.

BUENO, André. **Cem textos de história chinesa**. André Bueno, 2011.

MANZI, Rafael Henrique Dias; VIOLA, Eduardo. A desaceleração da economia da China e a transição para um “novo normal” no século 21. **Carta Internacional**, v. 15, n. 2, 2020

TIRONI, Luís Fernando. **Norma técnica e inserção internacional no Brasil: novos desafios**. 2018.

THORSTENSEN, Vera Helena; FERRAZ, Lucas Pedreira do Couto. **O isolamento do Brasil em relação aos acordos e mega-acordos comerciais**. 2014.

TUSCO, Andre de Macedo et al. **Relações comerciais entre Brasil e China**. 2010.

MOREIRA, Alessandra Romanelli; SILVA, Cíntia da; COSTA, Denise Cristina da. **Práticas Ilegais de Comércio entre Brasil e China**. 2008.

RIBEIRO, José Félix. O reposicionamento da China: geoeconomia, geopolítica e estratégia. **Revista Relações Internacionais**, n. 38, p. 35-43, 2013.

SCHERER, André Luís Forti. A nova estratégia de projeção geoeconômica chinesa e a economia brasileira. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, v. 36, n. 129, p. 35-51, 2015.

**Declaração Conjunta entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China sobre o aprofundamento da parceria estratégica global** - Pequim, 14 de Abril de 2023. Disponível em:

[https://www.gov.br/mre/pt-br/canais\\_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-conjunta-entre-a-republica-federativa-do-brasil-e-a-republica-popular-da-china-sobre-o-aprofundamento-da-parceria-estrategica-global-pequim-14-de-abril-de-2023](https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-conjunta-entre-a-republica-federativa-do-brasil-e-a-republica-popular-da-china-sobre-o-aprofundamento-da-parceria-estrategica-global-pequim-14-de-abril-de-2023). Acesso em: 29/06/2023

BECARD, Danielly Silva Ramos. O que esperar das relações Brasil-China?. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, p. 31-44, 2011.

SZERMAN, Christiane. **O COMÉRCIO SINO-BRASILEIRO: DETERMINANTES E PERSPECTIVAS**. 2011.

UTILIZAR PARA ESCREVER O TÓPICO 4.2 E O CAPÍTULO 6

MARANHÃO, Rebecca Lima Albuquerque; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **A dinâmica do crescimento das exportações do agronegócio brasileiro**. 2016.

CAMOÇA, Alana; PORTO, Felipe. **Quais os desafios e os possíveis caminhos da relação entre Brasil e China?** 19 de março de 2023, São Paulo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/19/quais-os-desafios-e-os-possiveis-caminhos-da-re-lacao-entre-brasil-e-china>. Acesso em: 13/07/2023.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de; CINTRA, Maria Rita Vital Paganini. Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 35, p. 28-42, 2015.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a Universidade Estadual da Paraíba, por ter me proporcionado quatro anos maravilhosos no curso de Relações Internacionais, com professores e toda a equipe sempre sendo solícita e atenciosa com os alunos.

E, o agradecimento especial, para a minha orientadora Lucila por toda atenção e suporte durante esse tempo e ao Prof. Dr. Alexandre que, em um certo momento, não me deixou desistir e seguir firme no propósito da graduação, vocês foram fundamentais para que eu chegasse até aqui hoje.

Agradeço também a minha família que sempre me proporcionaram a melhor educação possível para que eu pudesse ingressar em uma universidade pública, obrigada por sempre terem acreditado no meu potencial.